

ESPÉCIES PECUÁRIAS NA AMADORA

Englobo aqui as espécies animais que dão “pecúnia” que dão dinheiro. É preciso que os novos não esqueçam que até fins do século passado, a área do actual concelho da Amadora eram terrenos de sementeira por toda a vastidão de outeiros, montes e vales e embora a cultura predominante fosse de

sequeiro quase que se podia considerar intensiva, pois as terras eram tão produtivas que eram semeadas todos os anos. Não careciam de "pousio". Um ano semeava-se trigo e no seguinte forragem.

Por aqui se pode ver que, não havendo ainda máquinas para arrotear as terras, era tudo feito à custa dos animais.

Havia por conseguinte muitas juntas de bois, para puxar os carros.

Os terrenos eram tão "fortes" que em locais de terras de 1.^a e que estivessem húmidos eram usados 2, 3, 4 e 5 juntas de bois para, com arados enormes com rodas, revolverem as terras a fim de as preparem para a sementeira. Terras de 2.^a havia para arados médios e nalgumas terras mais altas eram usados arados vulgares de madeira, puxados por uma só junta de bois.

Todos os terrenos onde a seara tinha sido ceifada, eram óptimas pastos para pastoreio de enormes rebanhos de ovinos e caprinos.

Ainda actualmente existem alguns como que teimosamente a não quererem conformar-se com a extinção, mas por pouco mais tempo. Eram por conseguinte estas espécies pecuárias, muito exploradas nestas terras. Aliás os moçarabes, por heranças ancestrais de seus antepassados, tinham tendência para a exploração de grandes rebanhos. Outras espécies que era fundamental existirem eram os muares, híbridos de cruzamento entre cavalo e burro ou entre burro e égua. Eram e são, onde os há, mais resistentes para carregar vários sacos de trigo na subida para os moinhos ou carregados de sacos de farinha na descida.

O equus asinus, ou seja o burro, era o meio de transporte para os moleiros ou então se não carregava com o dono, carregava com a "maquia" isto é, com a percentagem de farinha que o moleiro cobrava a quem moesse trigo no seu moinho. Faziam isso por uma questão de solidariedade para com vizinhos porque o moleiro comprava logo na eira os moios (sessenta alqueiros) necessários à laboração anual do seu moinho.

É interessante que o burro seguia sempre à frente dos muares, quer fosse a subir ou a descer. Era ele o chamado "alcatraz" que regulava o passo das outras bestas.

Um moleiro tinha no mínimo dois machos e um burro mas alguns havia que tinha 3, 4, 5 ou 6 conforme tão bem retratou o Mestre Roque Gameiro e suas filhas.

Outras espécies que os saloios exploravam eram as aves de capoeira, tanto nos moinhos como nas quintas. Um buraco pequeno que se vê ainda nalguns moinhos era a entrada e saída para os galinácios, que ficavam debaixo da escada e aproveitavam os desperdícios.

Nas quintas agrícolas criavam-se ainda os suínos que iam parar à

salgadeira, para durante o ano não haver falta de carne.

Até fins do século XIX houve em todo o concelho só um talho que se destinava mais, a abastecer alguns operários que já havia.

Os habitantes do concelho comiam a chamada “prata da casa” e não passavam fome.

O leite que era consumido era o bom e gostoso leite de cabra, o que se aproxima mais do leite de mulher. Tirando o de burra, que não é vulgar consumir-se.

E ainda a propósito de cavalos ou melhor dos equídeos que os moleiros usavam que eram os muares, curioso será relatar o “conto do vigário” de que foram vítimas os moleiros do lugarejo que foi absorvido pela Amadora denominado Roiçadas.

Em tempo de guerra as cavalgadas eram por vezes mobilizadas para o exército e os salões sabiam disso. Consta que “espertinhos” foram possivelmente com qualquer papel letrado, e digo qualquer, porque para analfabetos os papeis são todos iguais, enganar pobres mas honrados e trabalhadores moleiros das Roiçadas dizendo que por ordens governamentais tinham que entregar imediatamente as suas alimárias para o serviço da Nação mas que a breve tudo lhes entregariam ou receberiam outras ainda melhores.

Coitados, nunca mais viram os seus animais e viram-se em grande miséria e aflição.

O que lhes valeu foi o espírito de solidariedade e fraternidade que reinava entre eles, tal como hoje existe entre a comunidade indiana ou cigana, que mal precisa de bancos e nos dá enorme lição de solidariedade.

Os coelhos eram e ainda são criados em abundância pelas populações, mais para consumo próprio, embora houvesse, e ainda há, quem se dedique à criação para venda. Aliás com uma flora tão rica em terras tão produtivas como são as da Amadora, os coelhos alimentam-se com as maior das facilidades e dão uma carne com elevada qualidade de sapidez. É na Amadora que funciona a Estação de Cunicultura Nacional.

O gado cavalari não era para uso do povo. Era usado por alguns padeiros que iam fazer a venda do pão a Lisboa mas a população rural e os moleiros usavam o burro para seu transporte. Atente-se nas aguarelas de Roque Gameiro e confirmaremos isso. O cavalo era só para alguns tal como hoje é o automóvel. Lembramos que em cerca de dez milhões ainda não há um milhão com viatura própria.

Andar a cavalo exige uma aprendizagem e saber conduzir um cavalo é uma arte. Vejamos o livro que o Mestre de Equitação e Cavaleiro da Ordem de Cristo D. António Pereira publicou, depois de bem censurado quatro vezes pelas diversas instâncias do Santo Ofício. O que ele diz ilustra e reforça bem as

minhas palavras: "Antigamente só às pessoas Reais era permitido andar a cavalo e aos que a cavalo se achavam se tinha veneração e respeito".

Os romanos dividiam os cidadãos da República em Magistrados, "Equites" e Plebeus e às famílias nobres chamavam Equestres.

Ainda hoje se usa a expressão "acordo de cavalheiros" e sabe-se o que é uma atitude de cavalheiro por ser cortês, generosa e honrada.

Com a motorização, os cavalos, que eram determinantes para o poder e para as guerras perderam interesse e actualmente alguns que existem estão quase sempre ligados ao desporto.

Na Amadora foi espécie que se extinguiu.



A mansão da Qta. Rangel, sede de importante complexo Pecuário estatal, onde eu comecei a trabalhar há 25 anos, para realizar trabalho técnico inédito, que está nas Bibliotecas da especialidade.